

mais vivo, mais resplendente, mais acalentador da terra que readquire todo o seu vigor...

O pão tão útil não podia deixar de ser também divinizado pelos tais idólatras que eram positivamente uns burros e maus comparados com alguns santos e inteligentes padres dos nossos dias.

Davam os antigos a forma redonda ao pão na ideia de figurarem nele o sol. Rememoração disso é a actual hostia que os cristãos engolem julgando receber o Cristo nas profundezas do estômago.

Mas a idolatria caiu, segundo diz o tal... o Voltaire... na opinião da D. Sáfira. Os idólatras foram os gregos, os romanos, os persas, os índios... Quanto aos cristãos, nada, não senhores, não são idólatras... são apenas crentes nos ídolos dos outros... baptizados com nomes diferentes... Eles até ignoram que a coroa, a tonsura aberta na cabeça dos seus padres, representa o sol... que a estola é o símbolo do zodiaco dos antigos; que o Paraíso do cristianismo, que em inglês é Paradise e em francês Paradis, é o Paradiis dos gregos, o Paradeisa dos persas.

Podia ainda citar mais provas da falta de originalidade do cristianismo na sua simbolização para a qual quasi nada criou; podia ainda acrescentar outros exemplos que demonstram que a religião cristã é essencialmente uma religião solar desfigurada por vandalismos tórpes que os seus apóstolos e ministros fizeram nos antigos mitos e símbolos; que os ídolos e cerimónias antigas se perpetuam sob aspectos e designações diversas, etc. etc; mas parece já suficiente o que deixo exposto para convencer os meus dois pachorrentos leitores, se alguma dúvida tivessem de que é falsa nos seus fundamentos a afirmação de Voltaire: a idolatria acabou mal se ouviu a voz do Evangelho. Quanto a terem cessado os sacrifícios sanguinolentos, é melhor não mexermos mais aliás nunca mais acabo este artigo... E' só ler a historia da Igreja... e da Inquisição...

Portanto mais uma vez ficou corroborada a minha frase que tantos engulhos provocou na D. Sáfira que se viu em riscos de ter algum parto prematuro...

O padre é realmente o missionário do erro e da mentira. (Continúa)

José CARLOS DE SOUZA

A Florescente

A comissão administrativa desta escola lembra a todos os socios e subscritores, a conveniencia de pagarem as suas cotas em atraso, não só para a boa regularização da escrita como para o bom funcionamento da mesma escola.

Lembra igualmente aos camaradas para coadiuvarem, na medida das suas forças, esta iniciativa, a fim de atingir o brilhantismo que se deseja, com o que todos terão a lucrar.

GUY DE MAUPASSANT

A aventura de Walter Schnaffs

Desde que entrara em França com o exercito invasor, Walter Schnaffs considerava-se o mais desgraçado de todos os homens. Era gordo, caminhava a custo, soprava muito e sofria horrivelmente dos pés, que elle tinha muito chatos e muito cheiros. Além disso era pacífico e benévolo, de modo nenhum magnânimo ou sanguinário, pai de quatro crianças que elle adorava e casado com uma jovem loira, e cujas carícias, desvelos e beijos tinha imensa saudade todas as noites. Gostava de se levantar tarde e de se deitar cedo, de comer devagar coisas boas e de beber cerveja pelas cervejarias. Achava aliás que tudo o que é bom na existencia desaparece com a vida; e conservava no coração um odio espantoso, justintivo e raciocinado ao mesmo tempo, aos canhões, carabinas, revólveres e espadas, mas sobretudo ás baionetas, por

O patriotismo patronal

Os jornais franceses patriotas estão todos indignados porque, á frente das tropas inimigas, veem, como guias e indicadores, alemães que serviram em França como contramestres, engenheiros, etc. A este respeito, os secretários da Federação dos Metais escrevem na Bataille Syndicaliste:

«Todos esses ex-contramestres, engenheiros etc., que vós assinais á testa das colunas alemãs, conhecemo-los nós, vimo-los nós em nossas fábricas francesas.

A maior parte dos mesmos que hoje os apontam ou insultam tinha ido recrutá-los á Alemanha. Os accionistas e dirigentes franceses das nossas oficinas e fábricas-tambem accionistas ou leitores da Action Française ou da Liberté, aplaudiam e incitavam esses contramestres e engenheiros, officiais alemães, quando perseguiram com os seus verbetes os trabalhadores franceses dotados de consciéncia e dignidade.

Por meio de tais verbetes, esses contramestres e engenheiros, officiais alemães, condemnaram dezenas de milhares de operários franceses a dois, três e seis meses consecutivos de desocupação forçada para servir pingues dividendos á maioria dos que neste momento se indignam».

VÁRIA

V

Gorki e France

As lições da historia parece que nada valem para os povos; e a sua filosofia não a comprehendem aqueles que, acicatados por sentimentalismos piégas, lutam por uma causa que não é a sua. Mas se assim tem sido até hoje, amanhã talvez o sol da revolta seja precedido de uma aurora vermelha capaz de dar alento aos mais indecisos, mo-trando-lhes o caminho mais curto para a sua emancipação integral.

A guerra actual, quer pelo número de combatentes, quer pelo número e qualidade das máquinas da morte que fendem os mares e cortam o espaço a vomitar metralla, não tem precedentes nos annos da historia; mas as suas desgraçadas consequências são indiscutivelmente as de todas as guerras: a fome, a peste, o luto, a dor são seus productos comuns!

A luta cruenta que neste momento se fere através da Europa, leva na sua frente incognita potestade cuja exultante missão é arrastar atraz de si todos aqueles que por palavras ou actos se afirmaram, uma vez na vida, pelo menos, inimigos fideis aos má-sacres humanos; e a essa invisível influencia não se subtraíram nem mesmo aqueles homens que já um dia encastraram em si proprios o sofrimento humano, anatematizando a ciseria e seus nefastos efeitos: o crime e o vicio!

Anatole France! Maximo Gorki! Eis dois escritores conhecidos em todo o mundo e cujas tendencias para as ideias novas se manifestam em quase todas as suas obras! O primeiro não ha ainda muito tempo declarou-se socialista; o segundo é aquêle revoltado discipulo de Tolstoi que o Czar condenou á morte, mas que um protesto mundial lho arrebatou das garras aduncas, é o exilado da ilha italiana que todo o mundo venera no autor illustre do Degenerados e dos Vagabundás, no autor sublime da Mãe!

Estranha potencia avassala neste momento o coração humano reduzindo o homem a proporgões mais baixas que as de irracional! Desconhecido poder convulsio-

se sentir incapaz de manobrar com bastante vivacidade esta arma rápida a fim de defender a sua grossa barriga.

E quando á noite se deitava no chão, embrulhado no capote ao lado dos camaradas que roncavam, pensava demoradamente nos seus, que elle deixara ficar lá longe, e nos perigos semeados no seu caminho:—Se elle fosse morto, que havia de ser dos pequenos? Quem havia de lhes dar de comer e de os criar? Naquelle momento mesmo, não eram ricos, apesar das dívidas que elle tinha contraído ao partir a fim de lhes deixar algum dinheiro. E Walter Schnaffs algumas vezes chorava.

No começo duma batalha, sentia tal fraqueza nas pernas, que se deixaria cair, se não se lembrasse de que todo o exercito lhe passaria por cima do corpo. O silvo das balas ouçicava-lhe os pelos todos da pele.

Havia meses que assim vivia no terror e na angústia.

O seu corpo de exercito avançava em direcção á Normandia; e um dia recebeu ordem de ir em reconhecimento com um pequeno destacamento que devia apenas explorar uma parte da região e

na a Humanidade impulsãoando-a para a mais horrível das hecatombes, para o mais abominavel dos abismos, para o maior de todos os morticínios de que a historia nos fala nas suas paginas sangrentas escritas com a ponta da espada pelo odio personificado!

Os sentimentos de humanidade fene-ceram no coração dos homens mesmo no daqueles que melhor comprehendiam e em si consubstanciaram o sofrimento do povo produtor, cujas aspirações vulgarisaram nas suas obras em que sobressai a desigualdade social.

Um vento glacial regelou, petrificou, insensibilizou no coração do homem a que elle possuía de melhor, reduzindo a nada os sentimentos altruistas que o distanciavam das cavernas trogloditas e o diferenciavam da animalidade dos seus habitantes! O século XX, cognominado o século da sciencia, remonta, mercê dum inexplicavel fenomeno, á barbarie da idade média, sobrelevando-a até pela hediondez dos crimes cometidos!

No mundo social é inagavel uma acentuada evolução regressiva: a luta abominavel que ora se encontra acesa, é a negação cabal de toda a ideia de progresso moral e intelectual.

Maximo Gorki e Anatole France, animalizados, bestializados, reclamam cada um o seu lugar nas primeiras filas das hordas assassinas!

Incompreensível fenomeno!

GIORDANO BRUNO

A união sindical italiana e a guerra

Nos dias 13 e 14 de Setembro, reuniu-se em Parma o Conselho Geral da União Sindical Italiana para discutir a attitude a tomar na presente conjuntura.

Alceste De Ambris apresentou e defendeu uma moção, na qual, depois de reconhecer os males morais e materiais que uma guerra causa ao proletariado, declara que a actual conflagração foi imposta pelo imperialismo germânico; sem que á social-democracia e a organização operária alemã tenham querido e sabido impedir a imposição; que a vitória teutónica seria um grave perigo para a causa da Revolução; e que por isso o proletariado (não o governo italiano) deve testemunhar a sua simpatia para com as forças que se opõem ao imperialismo germânico, dispondo-se mesmo a um auxilio material, se tal vier a ser indispensavel.

Armando Borghi opôs-lhe outra moção, firmada por mais quatro camaradas, a qual confirma os principios antimilitaristas e anti-estatais; considera o conflito europeu como resultado do imperialismo das grandes potências, que entre si disputam a hegemonia; julga estranhas á U. S. I. as preferências e convicções pessoais dos seus membros sobre a actual situação; acha anti-revolucionário e fomentador de divisões qualquer apello á intervenção do Estado; e faz votos para que o proletariado de todos os países beligerantes neutrais saiba encontrar em si mesmo o espirito de solidariedade de classe e as energias revolucionárias para aproveitar o inevitável enfraquecimento das forças estatais e a crise geral provenientes da guerra para uma acção commum destinada a derribar os Estados burgueses e monárquicos, que foram durante meio século os conscientes e cínicos preparadores desta conflagração.

regressar logo. Tudo parecia calmo no campo, nada havia que indicasse uma resistência preparada.

Ora, iam os prussianos descendo sossegados para um pequeno vale cortado por fundos barrancos, quando os deteve de choçré uma violenta fuzilaria, que deitou por terra uns vinte dos seus; e um tróço de francos atiradores, saindo repentinamente dum bosquezito do tamanho duma mão, atirou-se para a frente, de baioneta calada.

Walter Schnaffs ficou a principio imóvel, tam surprehendido e transformado que nem sequer pensava em fugir. Depois assaltou-o um desejo louco de se safar; mas logo lhe ocorreu que corria como uma tartaruga em comparação com os magros franceses, que vinham aos pulos como um rebanhó de cabras. Então, descobrindo na sua frente, a seis passos, uma larga vaia cheia de silvas cobertas de folhas secas, saltou nella a pés juntos, sem pensar sequer na profundidade, como se saltasse duma ponte para um rio.

Passou como uma flecha através duma camada espessa de cipós e de espinhos agudos que lhe

Quereis conhecer os promotores da Conflagração Europeia?

LÊDE

OS FINANCEIROS, OS POLITICOS, E A GUERRA

Preço 5 centavos

A' venda em todos os quiosques e livrarias.

Pedidos á Biblioteca «A Vida» rua do Laranjal, 60-3.

Discursando, Borghi disse, entre outras coisas, que os partidários da guerra contra a Alemanha podiam muito simplesmente ir alistar-se como voluntários; e que uma manifestação colectiva da União Sindical em favor da França favoreceria sobretudo o governo italiano, que aproveitaria o ambiente preparado pelos revolucionários. A moção De Ambris teve os votos dos representantes das câmaras do trabalho de Parma, Milão

e Castrocara; a moção Borghi foi aprovada pelos de Bolonha, Spézia, Placência, Módena, Carrara, Ferrara, Bérghamo e Fano.

Em vista disto, a Commissão Central (De Ambris, Masotti, etc.) pede a demissão, sendo substituída após uma demorada insistência, para a fazer desistir. Armando Borghi é o secretário da nova Commissão, cuja sede ficou estabelecida em Bolonha.

A guerra aos caixeiros

Por noticias de Lourenço Marques sabe-se que não findou ainda a guerra aos caixeiros por terem conseguido melhorar um pouco de situação.

Já em tempos, nas colunas deste semanario, fiz ver a vitória que os caixeiros africanos alcançaram.

Pois os patrões a fim de por alguma forma verem se venciam os caixeiros rebeldes, formaram um quartel general nas alturas da Avenida da Republica, e, na impossibilidade de poderem dirigir os ataques, nomearam, pago pelo dito quartel, um advogado em General Leiteiro. Ao toque da ordem é sabido que sai o pasquim que dá pelo nome de «Jornal do Comercio», que transmite á sua gente o lugar que devem ocupar bem como as armas de que devem servir-se. Como o grosso do commercio—digo exercito—não quizesse dar ingresso nas fileiras, porque isso era uma grande injustiça e ao mesmo tempo ia contra todos os sentimentos da humanidade, logo o general-leiteiro, para que a canhola não acabasse, formou uma guerrilha onde não faltava desde as balas dum-dum até á pólvora asfixiante, e travá combate com os caixeiros.

Porém, o plano do general-leiteiro, não surtiu o efeito desejado, pois que, logo ás primeiras horas de combate, a guerrilha leite-colonial teve que debandar numa fuga vergonhosa como de vergonhosos são os seus processos.

Os caixeiros mantem-se ainda numa defensiva leal, fazendo frente, com altivez, ao bando de parasitas que, a todo o momento, procura a occasião propicia para esmagar um punhado de obreiros que, pela sua nobre attitude, causam a admiração de todas as pessoas conscientes e dignas.

As associações da classe de Lourenço Marques declararam estar ao lado dos seus camaradas no infortunio; outro tanto fez a im-

prensa partidaria e independente que tão brilhantemente tem defendido a causa dos caixeiros, á excepção do «Jornal do Comercio» que, como se sabe, é o orgão da guerrilha.

Mas, no meio disto tudo tenho uma grande magua. E' que á frente do tal bando indigno encontra-se um homem ligado a pessoas de minha familia, de nome J. J. de Moraes a quem conheço pessoalmente e que nalgumas conversas que tivemos sempre se mostrou o mais devotado amigo dos caixeiros, dizendo-me, até, que tinha empregado alguns que a colera dos seus patrões os havia atirado á rua, e que anda agora, por dever d'officio, a fazer uma guerra tremenda contra aqueles que trabalham.

E' triste, muito triste! D'aqui, da cidade do Porto onde actualmente me encontro, dirijo-lhe as seguintes e ultimas palavras: Os caixeiros são simples obreiros, são uns explorados, são homens que tem direito ás regalias que conquistaram: portanto o seu dever, se é sério, é o de não mais os guerrear. Coloque-se ao lado deles que é o mesmo que estar ao lado da Justiça.

Abandone esse antro onde se encontra metido e entre no caminho da Razão.

Seja Homem como Homens são os caixeiros. E' o ultimo apelo. Porto, 1-10-914.

Eduardo C. Pereira.

O panfleto da actualidade

OS BASTIDORES DAS GUERRAS

FOR

PEDRO KRAPOTKINE

20 exemplares 42 centavos, 5 exemplares 12 centavos, 1 exemplar 3 centavos

Pedidos á: A SEMENTEIRA

Cais do Sodré, 88—LISBOA

rasgaram a cara e as mãos, e caíu pesadamente sentado em cima dum leito de pedras.

Erguendo logo os olhos, viu o céu pelo buraco que fizera, buraco revelador que o podia denunciar; e arrastou-se com precaução, a quatro patas, no fundo daquelle fôssco, debaixo do tétó de ramos entrelaçados, andando o mais depressa possivel, afastando-se do lugar do combate. Depois parou e sentou-se de novo, agachado como uma lebre no meio das altas ervas secas.

Ouvia ainda durante algum tempo detonações, gritos e queixas. Depois foram enfraquecendo, cessaram os clamores da luta. Voltou tudo ao silêncio e á calma.

De repente, mexeu-se qualquer coisa de encontro a elle; sacudiu-o um sobresalto espantoso. Era um passarinho que, tendo pousado num ramo, agitava folhas secas. Por causa daquilo, esteve o coração de Walter Schnaffs a dar grandes paucadas apressadas durante perto duma hora.

Caía a noite, enchendo de sombra a ravina. E o soldado pôs-se a meditar. Que havia de fazer? Que havia de ser d'ele? Iria juntar-se ao seu exercito?... Mas

como? Mas por onde? E teria que recommear a vida horrível de angústias, pavores, fadigas e sofrimentos que levava desde o começo da guerra! Não! Já se não sentia com coragem para isso! Não teria já a energia precisa para suportar as marchas e afrontar os perigos de cada instante.

Mas que fazer? Não podia ficar ali, naquele barranco, escondendo-se nelle até ao fim das hostilidades. Não, com certeza. Se não fosse preciso comer, não havia de o aterrar demais aquella perspectiva; mas era preciso comer, comer todos os dias. E ele via-se assim sozinho, armado, fardado, em território inimigo, longe dos que o podiam defender. Corriam-lhe calafrios pela pele.

De repente pensou: «Ajuda se ao menos eu fosse feito prisioneiro!» E o coração pulsou-lhe de desejo, de um desejo violento, imoderado, de ser prisioneiro dos franceses. Prisioneiro! Estaria a salvo, alimentado, alojado, ao abrigo das balas e das espadas, sem apreensão possivel, numa boa prisão bem guardada. Prisioneiro! Que sonho!

(Continua)